

 <p>ESCOLA DE HUMANIDADES</p>	<p><b>VERITAS</b> (PORTO ALEGRE) Revista de Filosofia da PUCRS Veritas, Porto Alegre, v. 70, n. 1, p. 1-14, jan.-dez. 2025 e-ISSN: 1984-6746   ISSN-L: 0042-3955</p>
<p><a href="http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2025.1.45965">http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2025.1.45965</a></p>	

SEÇÃO: VARIA

## Os exercícios espirituais de Thoreau

*Thoreau's Spiritual Exercises*

*Los ejercicios espirituales de Thoreau*

**Gabriel Guedes**

**Rossatti<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-6787-1770](https://orcid.org/0000-0002-6787-1770)

[gabrielrossatti@gmail.com](mailto:gabrielrossatti@gmail.com)

**Recebido em:** 27 mar. 2024.

**Aprovado em:** 15 jul. 2024.

**Publicado em:** 03 fev. 2025.

**Resumo:** A intenção deste artigo é avaliar o tipo de filosofia praticada pelo estadunidense H. D. Thoreau (1817-1862). Para tanto, após a introdução, na segunda seção, são investigadas as teses de P. Hadot sobre os dois paradigmas de filosofia, assim como sua noção de "exercícios espirituais"; a partir dessa fundamentação, a terceira seção é dedicada a uma análise aprofundada dos "exercícios espirituais" praticados cotidianamente por Thoreau. A conclusão estabelece que este compreendia a filosofia como uma profunda transformação de si mesmo, logo, como modo de vida.

**Palavras-chave:** exercícios espirituais; filosofia como modo de vida; cuidado de si.

**Abstract:** The goal of this essay is to evaluate the type of philosophy practiced by H. D. Thoreau (1817-1862). After an introduction, part 2 is dedicated to an analysis of P. Hadot's theses concerning the existence of two different paradigms of philosophy, as well as his notion of "spiritual exercises". Part 3 investigates Thoreau's "spiritual exercises" practiced on a daily basis. The conclusion establishes that Thoreau understood philosophy as a concrete transformation of the self, that is, as a way of life.

**Keywords:** Spiritual Exercises; Philosophy as a Way of Life; Care of the Self.

**Resumen:** La intención de este ensayo es la de evaluar el tipo de filosofía platicada por H. D. Thoreau (1817-1862). Después de la introducción, la parte 2 es dedicada a una análisis de las tesis de P. Hadot a respeito de la existencia de dos paradigmas de filosofía, así como su noción de "ejercicios espirituales". Estas aclaraciones permiten que en la parte 3 sea profundada la análisis de los "ejercicios espirituales" practicados por Thoreau. La conclusión es que Thoreau comprendía la filosofía como una transformación del *self*, es decir, como forma de vida.

**Palabras clave:** ejercicios espirituales; filosofía como forma de vida; cuidado de si.

### 1 Introdução

Pode-se considerar que a difusão e/ou penetração das teses do filósofo francês Pierre Hadot (1922-2010) pela academia e, mais particularmente, no interior dos departamentos de filosofia causou uma pequena revolução em termos da orientação das pesquisas dentro desse âmbito, sendo que uma das consequências desse processo diz respeito à compreensão acerca do tipo de "intelectual" que foi o estadunidense Henry David Thoreau (1817-1862), o qual de "escritor", categoria através da qual ele acabou sendo assimilado em sua terra natal ao longo do século XX<sup>2</sup>,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Pesquisador independente.

<sup>2</sup> Cf. Buell (1995).

ele passou a ser entendido como o *filósofo* que efetivamente era<sup>3</sup>. Mas, mesmo os especialistas "literários" em sua obra não podiam se furtar de perceber esta questão; com efeito, dois deles, em momentos diferentes e, desconhecendo as pesquisas de Hadot (o qual, em boa medida, "patenteou" a expressão "exercícios espirituais" no interior da academia), apontaram precisamente a existência desse tipo de exercícios em sua obra. J. Porte, em artigo publicado originalmente em 1973 (ou seja, antes mesmo de Hadot despontar com suas pesquisas como o "pai" dos "exercícios espirituais" na França e, posteriormente, alhures), considerava o livro central de Thoreau, *Walden*, um "experimento de autodescoberta", chegando mesmo à conclusão de que "nós podemos ver a vida solitária de Thoreau [às margens do] lago Walden como o *exercício espiritual* de um homem que perdeu seu interesse na religião formalizada, mas não nos hábitos que ela uma vez havia engendrado" (Porte, 2004, p. 148-149, grifo nosso). A. Hodder, bem mais recentemente, interessado em recuperar a dimensão *espiritual* presente na vida e na obra de Thoreau, o qual, como ele aponta, ainda vivo "era geralmente interpretado em termos espirituais, em alguns casos mesmo como uma figura religiosa de tipo carismático, ainda que decididamente não ortodoxa", vislumbrou particularmente em seus *diários* exatamente a narrativa de seus "contínuos *exercícios espirituais*" (Hodder, 2001, p. 20, 264, grifos nossos).

Mais recentemente ainda, o filósofo francês Michel Onfray, aí já claramente sob a influência de Hadot, também ressaltou a presença desses exercícios na obra e na vida de Thoreau; em seu livro *Viver uma vida filosófica – Thoreau o selvagem*, Onfray (2017, p. 38) insiste que aquele foi um "filósofo raro – daqueles que viveram uma vida filosófica". *Walden*, nessa leitura, transparece como um "verdadeiro livro de filosofia existencial" repleto de "receitas existenciais que constituem *exercícios espirituais* no espírito da filosofia antiga",

sendo estes, em suas palavras, os seguintes: "Explora-te a ti mesmo", "Viva a vida que imaginares", "Ama tua vida", "Simplifica, simplifica", "Faz de ti um corpo perfeito" e "Viva livre e sem laços" (Onfray, 2017, p. 68-70). Ora, tais rubricas, ainda que remetendo a exercícios espirituais no espírito da filosofia antiga, helenística, notadamente, parecem-me um pouco vagas ou genéricas<sup>4</sup>, daí minha proposta de precisar melhor os exercícios espirituais que podem ser percebidos no discurso vivido de Thoreau, o que, por fim, ajudará na compreensão desse "autor" precisamente como um legítimo *filósofo*.

## 2 Os paradigmas antigo e moderno de filosofia e os "exercícios espirituais"

Antes, porém, de me lançar a este trabalho de análise mais pormenorizada dos exercícios espirituais tais quais praticados por Thoreau, é preciso fazer uma retomada das teses centrais de Hadot, o qual, como colocado anteriormente, causou uma pequena revolução no campo da filosofia nas últimas décadas do século XX ao tomar para si a missão de "escavar" esse terreno, buscando destrinchar as mutações que ocorreram ao longo de mais de dois milênios acerca do entendimento construído pelos próprios filósofos acerca do que seria a essência da filosofia. Falando da orientação que suas pesquisas tomaram a partir de determinado momento, ele explicou que buscou "[...] colocar para mim mesmo a seguinte questão: o que era um filósofo [no mundo antigo]? Em que consistiam as escolas de filosofia? Foi assim que fui levado a representar para mim mesmo que a filosofia não era uma pura teoria, mas um modo de vida" (Hadot, 2001, p. 69)<sup>5</sup>.

Assim, diferentemente da *filosofia moderna* (ou "profissional", "universitária" etc.), cuja ênfase se dá na parte discursiva, teórica ou conceitual, redundando em um *discurso* de características *técnica* e *abstrata*, conseqüentemente, em formas *herméticas* de composição ou de arranjo textual

<sup>3</sup> O próprio Hadot participou ativamente dessa mudança de percepção: cf. Hadot (2002); cf. também Cafaro (2006) e Furtak (2012). Sobre a "pequena revolução hadotiana" no âmbito da filosofia, cf. os ensaios presentes em Testa e Faustino (2022).

<sup>4</sup> Outro que não aprofunda este aspecto em um trabalho de inspiração muito próxima ao meu é Lauxen (2020). Vale ainda ressaltar o excesso de atenção dada a *Walden* na bibliografia secundária, que acaba levando a distorções e/ou lacunas na visão mais ampla da obra de Thoreau.

<sup>5</sup> Cf. também Hadot (2019). Vale frisar que a maioria dos livros de Hadot citados se encontram disponíveis no Brasil.

(dada sua propensão à *metadiscursividade*, isto é, ao empilhamento de discursos sobre outros discursos) e que teve sua impulsão determinante na Idade Média com a criação das *universidades* (cf. Hadot, 1995, p. 22), a *filosofia antiga* se caracterizava por sua dimensão *existencial*, isto é, pelo fato de ser, sobretudo, uma *escolha de vida*, ou seja, por ser algo eminentemente *concreto, aplicado*, não abstrato. Nessa compreensão, filósofos, no mundo antigo, eram aqueles homens – e mulheres (cf. Hadot, 1995, p. 99, 116) – que, uma vez tendo sido convencidos – aqui havendo o fenômeno da *conversão* (cf. Hadot, 1995, p. 223-225) – da superioridade da *vida filosófica*, quer dizer, de um viver reflexivo, desligado dos bens materiais e, portanto, mais “espiritualizado” em relação a outros modelos (ou possibilidades) de vida, escolhiam *viver filosoficamente* em comunidades constituídas explicitamente com vistas a dar guarida a tais empreitadas. Como explica Hadot:

[...] para os antigos, é-se filósofo não em função da originalidade ou da abundância do discurso filosófico que se inventou ou desenvolveu, mas em função da maneira em que se vive. Trata-se, antes de tudo, de tornar-se melhor. E o discurso não é filosófico senão na medida em que ele se transforma em modo de vida (Hadot, 1995, p. 266).

Em certo sentido, pode-se dizer que sempre existiram duas concepções opostas de filosofia, uma colocando o acento sobre o polo do discurso, a outra sobre o polo da escolha de vida [...]; pode-se observar a continuidade [das] duas tradições desde a Idade Média – uma que privilegia o discurso filosófico, [e] a outra que integra à filosofia a perspectiva do modo de vida, do exercício vivido (Hadot, 2001, p. 105, 185).

Logo, há uma diferença *qualitativa* entre os paradigmas *antigo* e *moderno* de filosofia, ou seja, são dois fenômenos, duas configurações diferentes entre si: uma pendendo para o polo da vida, da existência, do “exercício vivido”, continuado, visando à transformação de si ao longo

do tempo e implicando a incessante articulação entre teoria e prática; outra pendendo para o polo do discurso, da teoria, da abstração conceitual, do sistema, geralmente descolados do viver, configurando-se, em última análise, como *sofística* ou mera criação verbal-conceitual<sup>6</sup>. De sorte que, ao fim e ao cabo,

[...] o que diferencia a filosofia antiga da filosofia moderna é que na filosofia antiga não são apenas Crisipo ou Epicuro que são considerados como filósofos, porque eles desenvolveram um discurso filosófico, mas também todo homem que vive segundo os preceitos de Crisipo e Epicuro. Um homem político como Catão de Útica era considerado como um filósofo, e mesmo como um sábio, por mais que não tivesse escrito nada, nem ensinado, porque sua vida fora perfeitamente estoica (Hadot, 2001, p. 300).

[...] na tradição grega, o saber ou *sophia* é menos um saber puramente teórico do que um saber-fazer [*savoir-faire*], um saber-viver, e reconhecer-se-á as marcas (deste) na maneira de viver [...]. Quem quer que adote o modo de vida epicurista ou estoico, quem quer que o coloque em prática, será considerado um filósofo, mesmo que não desenvolva, por escrito ou oralmente, um discurso filosófico (Hadot, 1995, p. 77, 169).

À medida que o ideal, o protótipo do sábio no mundo antigo acabou sendo ocupado por Sócrates, que *não* produziu obra escrita, mas viveu na praça pública a filosofar de forma cotidiana, concreta, as posteriores escolas gregas de filosofia – a despeito de já surgir uma delas que pendia para o polo do discurso puro, com o aparecimento dos *sofistas* –, notadamente no período chamado de “helenístico” (de cerca de 323 a.C. até os primeiros séculos da era cristã), tomaram, na leitura de Hadot, essa configuração de filosofia a partir do polo *existencial*, sendo que tal tradição viria a se assentar e florescer, configurando toda uma tradição extremamente longeva de filosofia, sobrevivendo mais ou menos até finais do século XIX (embora possam ser encontrados alguns resistentes no XX)<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Hadot, neste aspecto, parece-me simplista demais, no sentido de não perceber que há *interpenetração* entre os dois paradigmas (salvo nos filósofos antigos mais radicais como Sócrates e Diógenes de Sinope, que simplesmente *não* produziram obras escritas); na maioria dos casos, porém, parece haver exatamente isso, a saber, uma articulação, ora maior, ora menor, entre os dois paradigmas (o discursar sobre o viver já como forma de teorização/conceitualização acerca do viver).

<sup>7</sup> Pode-se fazer uma distinção entre os últimos filósofos claramente animados por essa concepção de filosofia no século XIX (como sendo a trinca Kierkegaard, Thoreau e Nietzsche (numa leitura altamente seletiva) e, no século XX, Camus (por seus pressupostos claramente estoicos e epicuristas) e Cioran (tanto por ser um filósofo existencial quanto pelo fato de ter vivido uma vida eminentemente filosófica, ascética, marcada por exercícios espirituais como locomover-se de bicicleta, caminhar de madrugada, possuir poucas posses

E precisamente na qualidade de "cuidado de si" (cf. Foucault, 1884, p. 53-94), boa parte do que ocupava ou perfazia a vida concreta, cotidiana de um filósofo eram os "exercícios espirituais" (cf. Hadot, 1995, p. 276-333; 2002, p. 19-74; 2008, *passim*), entendendo-se por estes todo um conjunto de técnicas *mentais, meditativas, contemplativas*, voltadas, fundamentalmente, ao "eu interior", à *consciência*, portanto, com vistas a fomentar, modificar, transformar e melhorar determinadas atitudes em si mesmo (como, por exemplo, se preparar para o acontecimento inexorável da morte, a própria ou aquela de um ente querido). Essas práticas e técnicas mentais, que foram sendo criadas e aprimoradas pelas diferentes escolas filosóficas gregas ao longo de séculos, possuíam, por sua vez, um esquema mais básico, mais ou menos como um denominador comum compartilhado entre elas; consistia na transformação, na *conversão* do olhar de um "eu parcial" (físico, material, concreto, específico, governado pelas "paixões") para aquele de um "eu cósmico" (desligado das paixões, da materialidade do mundo, logo, mais espiritual ou espiritualizado) (cf. Hadot, 1995, p. 106, 127, 211, 292, 318-319, 377-378, 396).

Mais particularmente, podem-se dividir os exercícios espirituais em três grupos diferentes (mas que, em boa medida, se misturam em muitos casos), a saber: 1) aqueles mais voltados ao *mundo exterior, físico*, ou seja, ao próprio *corpo* (exercícios de *ascese*, portanto, como "acostumar-se ao frio, ao calor, à sede, fome, à frugalidade da alimentação, à dureza do colchão" etc.) (Musonius Rufus *apud* Hadot, 1995, p. 290) e à *natureza* (indo da "física [no sentido original do termo, isto é, *physis*, "natureza"] como exercício espiritual" (cf. Hadot, 1995, p. 316 *et seq.*) ao exercício estoico da "viagem astral", isto é, o exercício que Hadot particularmente denomina de "olhar desde o alto" e que pressupunha a ideia de um "planar" da alma rumo a planos superiores de inteligência

das coisas)<sup>8</sup>; 2) aqueles mais voltados para o *eu interior*, configurando-se mais, portanto, como "exercícios de domínio de si" (cf. Hadot, 1995, p. 219 *et seq.*) (exercícios de memória, o pensamento da morte, o exame dos sonhos, da própria consciência, como na retomada reflexiva dos acontecimentos e das atitudes de si diante deles ao final do dia, *i.e.* ter passado raiva por este ou aquele motivo, a "concentração sobre o presente" etc.); 3), aqueles exercícios *interpessoais* que se davam na relação entre mestres e discípulos no interior de uma comunidade filosófica (a direção espiritual, o diálogo socrático, a *parrhesia*, isto é, o "falar franco do mestre" quanto às faltas, atitudes, ao "progresso espiritual" mais geral de um discípulo etc.) (cf. Hadot, 1995, p. 322 *et seq.*). Em todos os casos, trata-se, sobretudo, da transformação da atitude mental – do *mindset*, como se diz atualmente – em relação a si mesmo, aos outros e ao mundo/cosmos, com vistas a, como colocado anteriormente, desligar-se do mundo em sua materialidade, em sua "físicalidade" obsessante, de modo a atingir uma inteligência mais "astral" ou espiritualizada das coisas.

### 3 Os exercícios espirituais de Thoreau

Ora, à medida que Thoreau viveu uma vida filosófica em sentido antigo, sua vida pode ser considerada um contínuo exercício espiritual e, neste sentido, pode-se considerar que, em sua maioria, tais exercícios praticados por si eram rearticulações – ou *heranças* – de exercícios criados no mundo antigo, notadamente pelas escolas estoica e epicurista de filosofia (Thoreau sendo, essencialmente, um herdeiro eclético do *estoicismo*, do *epicurismo* (cf. Hadot, 2002; estoico e epicurista), do *cinismo* (cf. Anderson, 2012, p. 185-200), do *crístianismo*<sup>9</sup>, que amalgamou muitas noções precisamente dessas escolas filosóficas originadas no mundo helênico). Numa contagem sumária e, em alguma medida, seguindo sua ordem de importância ou de recorrência,

etc.).

<sup>8</sup> Sendo que muitas vezes estes dois exercícios se misturam, como na seguinte passagem de autoria de Cícero (*apud* Hadot, 1995, p. 319): "A observação e a contemplação da natureza são um tipo de alimento natural para as almas e os espíritos. Nós nos recuperamos, nós nos dilatamos, nós olhamos desde o alto as coisas humanas e, contemplando as coisas superiores e celestes, nós desprezamos nossas coisas humanas como mesquinhas e estreitas".

<sup>9</sup> Este aspecto permanece virtualmente intocado pelos especialistas em Thoreau até hoje.

podem-se encontrar os seguintes: 1) aquele que Hadot particularmente denomina de "física – entendida etimologicamente, isto é, como *physis*, natureza – como exercício espiritual", ou seja, a imersão contemplativa, espiritual ou *extática* na natureza; 2) a escrita de *diários*, os quais revelam ou contêm todo o processo de autoimersão e autoconhecimento de Thoreau (e de si na "natureza", notadamente a partir de sua "guinada – ou aprofundamento – natural" ocorrida a partir de cerca de 1850 em diante) ao longo de mais ou menos 24 anos (1837-1862); 3) o exercício da "solidude" (e de seus correlatos, a saber, *silêncio* e *contemplação*); 4) o exercício epicurista da *prosoché*, isto é, da "atenção ao momento presente"; 5) o exercício da "caminhada"; 6) os exercícios de caráter estoico do "olhar desde o alto" e da "fusão cósmica" (que ou se misturam ou pressupõem um ao outro); 7) o exercício da "visão dúplice", particularmente proeminente em seu primeiro livro, *Uma Semana nos Rios Concord e Merrimack*; 8) a distinção entre o supérfluo e o necessário (cerne do capítulo "Economia" de *Walden*, notadamente); 9) a ênfase no regime alimentar, no cuidado do corpo; (doravante não se trata tanto de uma ordem de importância ou de recorrência, mas simplesmente do reconhecimento de alguns desses exercícios espirituais em seu discurso vivido) 10) os "êxtases auditivos" na natureza; 11) a rememoração dos momentos felizes (sendo tanto *Uma Semana nos Rios Concord e Merrimack* quanto *Walden* fundamentalmente isto); 12) o exercício estoico da contemplação da dissolução das coisas (como notoriamente na famosa passagem do "corte profundo no banco de areia" ao final de *Walden*); 13) num registro mais filológico, a noção da "leitura como um exercício intelectual nobre" como diz o próprio Thoreau em *Walden* (2021, p. 99). Os exercícios intersubjetivos, relativos à amizade, à relação entre mestre e discípulo e *parrhesia*, não serão abordados neste trabalho por falta de espaço.

Vejamos agora os principais deles mais detalhadamente.

Os exercícios de *contemplação da natureza* e da *escrita dos diários* (sem falar nas *caminha-*

*das*), como dito anteriormente, se misturam em Thoreau. *Grosso modo*, considera-se hoje em dia que a maturação de seu pensamento e/ou de sua obra – de sua *vida*, em última análise – tenha(m) ocorrido após 1850, tendo como causas principais, por um lado, seu aprofundamento em botânica, em sentido eminentemente prático ou empírico e, por outro, seu contato com e apropriação das teorias de ponta produzidas no âmbito das ciências naturais desde finais do século XVIII, chegando até sua contemporaneidade (desenvolvimentos ou fundações do que conheceríamos como "biologia", "geologia", "limnologia" etc.). Essa guinada tanto prática quanto teórica, geralmente descrita como "científica" (supostamente em detrimento de uma posição ou visão "transcendentalista", leia-se, "filosófico-poética" da natureza, que marcara sua reflexão desde sua saída do Colégio de Harvard até cerca de 1850-1851 – embora haja muita discussão acerca desta suposta ruptura), por sua vez, levou-o a reorganizar seu estilo de vida em termos práticos, cotidianos mesmo, no sentido de a escrita dos diários e textos, doravante feita de maneira bem sistemática, passar a ser feita durante praticamente todas as manhãs; caminhadas/passeios de barco imersivos e, cada vez mais, de caráter analítico, científico (contagem de plantas, de "anéis" em troncos de árvores cortadas, observação de animais etc.) nos bosques, pântanos, rios e lagos nos arredores de Concord se tornaram diários, feitos vespertinamente (na maioria das vezes, havendo, porém, mais esporadicamente os passeios que adentravam a madrugada à luz do luar, geralmente no verão), isto paralelamente ao trabalho esporádico ora como agrimensor (o que implica dizer, ao ar livre, ou seja, até certo ponto, também "na natureza"), ora na pequena fábrica de lápis da família (estes sendo o "ganha-pão" de Thoreau), sobrando, por fim, para o período noturno as leituras (cf. Walls, 2018, p. 273-312). A partir, pois, dessa reorganização de sua vida *em torno da imersão cotidiana e prática na natureza*, mediada pelas ciências naturais de ponta da época, surge para Thoreau tanto o projeto mais específico do "diário da natureza", qual seja, "um diário que registraria a natureza em seus aspectos

mais minuciosos enquanto constantemente mantinha em mente as estruturas universais e temas que compunham tudo na natureza como um todo operante" (McGregor, 1997, p. 106), quanto a reformulação mais profunda do tipo de sujeito, ou mesmo de "filósofo", que ele era: pois, de uma posição original mais "transcendentalista" (qual seja, filosófico-poético-literária), ele passa a agregar a tal posição o polo (mais empírico) das *ciências naturais*, no que ele se torna assim um *filósofo natural(ista)*<sup>10</sup>. Trata-se, aqui, em suma, de uma transformação na maneira de perceber o mundo, que foi alcançada por si a partir da combinação prática, concreta, cotidiana desses dois exercícios espirituais referidos, ou seja, da *contemplação* – que se torna, até certo ponto, análise científica – *da natureza*, estruturada, por sua vez, nas *caminhadas* virtualmente diárias, ambos os exercícios se misturando e tornando-se o substrato de suas anotações nos diários de cerca de 1850 até finais de 1860 (quando ele pegou o resfriado fatídico e, com este, o agravamento da tuberculose veio finalmente a matá-lo, no início de maio de 1862), aproximadamente.

O exercício espiritual da *solidão* ou, se se quiser, da "solitude", no sentido contemporâneo de isolamento voluntário, positivo, criativo, deve ser entendido como um dos exercícios espirituais mais proeminentes em Thoreau. E na qualidade de *exercício*, isto é, de *prática* mesmo, ele podia adquirir as modalidades de *escrita*, notadamente nos diários, de *imersão na natureza*, ou mesmo como *contemplação*. No primeiro caso, é digno de nota que os diários têm como limiar introdutório três citações diferentes sobre o "estar sozinho", vindo na sequência, como primeiríssima anotação a reprodução de uma conversa aparentemente tida com R. W. Emerson na qual ele teria lhe perguntado "O que estás fazendo agora? [...] Manténs um diário?", a resposta sendo "Então faço minha primeira entrada hoje", sendo que imediatamente após isto vem a anotação de título "Solitude", em que Thoreau confessa que para estar sozinho

precisará de um sótão (vale mencionar: nessa época, a casa de seus pais, onde ele vivia, operava como casa de hospedagem). Vê-se assim que, desde seu mais tenro início, os diários foram marcados pelo signo da *solitude*, o que significa que eles foram produzidos com essa mentalidade e com esse propósito de *autoconhecimento*, de *imersão em si mesmo*, notadamente (cf. Thoreau, 1981, p. 4-5).

A outra forma principal de praticar a solitude dizia respeito à *imersão na natureza*, ideia que se encontra articulada de maneira muito feliz em uma anotação de novembro de 1850 que coloca a seguinte pergunta: "O que devemos fazer com um homem que tem medo das matas – da solidão [solitude] e escuridão destas – Que salvação há para ele? Deus é silencioso e misterioso" (Thoreau, 1990, p. 142). *Walden* mesmo pode ser entendido como uma meditação aprofundada acerca do exercício da *solitude* na natureza, daí o capítulo dedicado explicitamente à "solidão" (cf. Thoreau, 2021, p. 120-128) em que Thoreau desenvolve a tese de que não existe *solidão* na natureza, apenas *solitude*, vivenciada como experiência positiva, benfazeja, revigorante mesmo, à medida que, dialeticamente, dir-se-ia, propicia uma experiência mais profunda de si no que o indivíduo se insere no "circuito" da natureza ("Por que razão tenho esse vasta extensão e circuito, algumas [milhas] quadradas de floresta sem frequentadores, [para minha privacidade,] abandonada para mim pelos outros homens? Meu vizinho mais próximo fica a uma [milha] de distância..."; Thoreau, 2021, p. 121, tradução modificada). Com efeito, numa formulação das mais importantes presentes na obra inteira, nesse capítulo mesmo ele afirma que "não pode existir melancolia [muito negral para quem vive no meio da Natureza e [possui seus sentidos calmos]" (Thoreau, 2021, p. 122, tradução modificada). Remetendo, portanto, a uma sensação de calma em nível ontológico, a experiência da *solitude* na natureza acaba se revelando como condição para a *saúde* tanto cor-

<sup>10</sup> Estou sintetizando aqui ao máximo uma discussão que ocupa enormemente os especialistas em Thoreau, a saber, aquela acerca da transformação de seu pensamento, de um modelo mais literário-filosófico (ou filosófico-literário) para outro supostamente mais "científico" a partir de cerca de 1850; a título de ilustração, isto se mostra claramente perceptível já no título do artigo de Rossi (1993).

pórea quanto *mental* também ("saúde corpórea e mental" sendo exatamente a expressão utilizada no capítulo; Thoreau, 2021, p. 126), o que, aliás, faz de Thoreau um importante articulador desse tema tão contemporâneo.

Outro exercício espiritual central no discurso vivido de Thoreau é o exercício estoico-epicurista da *prosochê* (cf. Hadot, 2008, p. 15-85), isto é, da *atenção ao momento presente* e cuja ideia central é a de que a felicidade deve ser encontrada no presente, ou que um instante de felicidade equivale a uma eternidade de felicidade e que esta pode e deve ser encontrada imediatamente. Ao colocar o instante presente na perspectiva do cosmo, tais escolas reconheciam um valor infinito ao menor momento da existência. Sendo, assim, um tipo de mentalidade a ser instaurada e mantida em relação à "vida no momento atual", em Thoreau podemos encontrar formulações desse exercício como esta de janeiro de 1851, na qual, iniciando a entrada no diário no modo naturalista (ou "cientista"), ou seja, anotando fatos diferentes acerca da natureza no inverno (altura da neve, tipos de pássaros encontrados, a ausência de pulgas na neve etc.), ele a arremata no modo filósofo refletindo para si mesmo: "Eu devo viver sobretudo no presente" (Thoreau, 1990, p. 174).

No mesmo modo, em outra entrada nos diários, ele pondera:

Devo estar fora de casa [*out of doors*] o suficiente para obter experiência da realidade salutar – como lastro para o pensamento & o sentimento. Saúde requer este relaxamento esta vida sem rumo. Esta vida no presente. Deixe um homem ter o pensamento que quiser da natureza dentro de casa – ela ainda será original fora de casa. Eu me mantenho fora de casa para o bem do mineral do vegetal do animal em mim (Thoreau, 1997, p. 392-393).

No ensaio "Caminhar", lê-se:

Acima de tudo, não podemos nos permitir deixar de viver no presente. Abençoado sobre todos os mortais, seja aquele que não perde um momento sequer da vida que passa lembrando-se do passado. A não ser que nossa filosofia ouça o galo cantar em cada quintal dentro do nosso horizonte, ela estará atrasada. [...] Existe [...] um novíssimo testamento – o evangelho segundo este momento (Thoreau, 2016, p. 119-120);

em *Walden*, que "Ihlá de fato na eternidade algo verdadeiro e sublime. Mas todas essas horas, esses locais e essas ocasiões são aqui e agora. O próprio Deus culmina no momento presente, e jamais será mais divino na passagem de todas as eras" (Thoreau, 2021, p. 92). Como visto, a filosofia existencial, concreta de Thoreau é profundamente baseada nessa ideia de um alinhamento de si mesmo na temporalidade do cosmo, que pressupõe esta aceitação-dever relativamente ao viver conscientemente no presente; ademais, como praticamente tudo em sua obra, pensamento ou discurso vivido, o "presente" se encontra na vivência da *natureza*, que acaba sendo o local de comunhão com Deus (ou, mais geralmente, com o fenômeno da religiosidade, com o "numinoso", no linguajar de R. Otto). O "religamento" entre existência e transcendência ocorre, portanto, na natureza, o que se desdobra, em suma, na experiência de um presente (aberto ao) natural.

Como implícito nos exercícios elencados anteriormente, a *caminhada* também se coloca como uma das modalidades de exercício espiritual mais verdadeiramente importantes em Thoreau. Numa das primeiras formulações das teses centrais que apareceriam efetivamente no ensaio *Caminhando*, Thoreau reflete que não poderia aceitar a "dádiva da vida se eu tivesse que passar uma porção tão larga [de tempo] sentado curvado ou com minhas pernas cruzadas como os sapateiros e alfaiates o fazem"; aprofundando a ideia, ele comenta que não se trata de exercício das pernas e corpos apenas, mas de "ambos corpo & espírito", como meio para "obter sucesso nos fins mais elevados e nobres através do abandono de todos os fins específicos" (Thoreau, 1990, p. 176). Logo, a caminhada, longe de ser uma mera exercitação física, acaba sendo um exercício *espiritual* à medida que pressupõe um desligamento dos bens e afazeres terrestres ("Nenhuma riqueza pode comprar o [ócio] necessário, a liberdade e a independência que são o capital nesta profissão") (Thoreau, 2006, p. 69, tradução modificada); e, por ser uma prática que pede o *ócio*, ela liberta a mente para "ruminar" (Thoreau, 2006, p. 73). Por ocorrer, preferencialmente, na natureza, ela

também acaba por fazer com que haja ou entre "muito mais ar e sol em nossos pensamentos" (Thoreau, 2006, p. 74). O caminhar, em suma, promove uma transformação/expansão do olhar, ou, mais amplamente, do *self*, que ocorre quando se caminha na natureza com os sentidos abertos, desimpedidos, havendo, em última análise, uma fusão daquele nesta; ademais, o caminhar na natureza também gera uma sensação de prazer, alegria ou felicidade pelo mero fato de se estar a *existir*.

Os exercícios espirituais de caráter estoico do "olhar desde o alto" e da "fusão cósmica" (cf. Hadot, 2008, p. 87-162) também são bastante proeminentes na obra de Thoreau. Ambos aparecem de maneira mais estrutural em seu discurso, no sentido de que boa parte de suas narrativas de viagem mais famosas implicam ou são centradas mesmo na ascensão de montanhas (casos particularmente de "Uma Caminhada a Wachusett" e "Ktaadn", ambos termos sendo nomes indígenas de duas montanhas, assim como *Uma Semana nos Rios Concord e Merrimack*, em que a narrativa da ascensão da montanha Saddleback funciona como limite na viagem), e mesmo em textos mais "planos" geralmente há alguma ascensão de montanha ou de trecho mais elevado. Assim sendo, tal exercício é central, em termos retóricos, precisamente porque funciona como recurso literário (metáfora) através do qual são articulados os momentos de "iluminação", isto é, de visão/entendimento pleno das coisas e, por isso mesmo, funcionam como ápices nas narrativas, com a volta para casa após tais momentos operando, conseqüentemente, como encerramento nesses textos (as narrativas de viagem de Thoreau sempre tendo esse esquema de partida de casa-trajeto-ápice-retorno para casa).

A articulação paradigmática desse exercício ocorre logo no início dos diários, quando, em uma anotação intitulada "*Nawshawtuct*" (que designa um morro em Concord), Thoreau especula:

Deve-se subir um morro para conhecer o mundo no qual se habita. No meio deste veranico estou empoleirado na rocha mais elevada de Nawshawtuct – [com] um vento aveludado a soprar do sudeste – Eu pareço sentir os átomos

baterem contra minha bochecha. Morros, montanhas, campanários distinguem-se nitidamente no horizonte [...]. Nenhuma nuvem em vista, mas aldeias – vilas – florestas – montanhas – uma sobre a outra, até serem engolidas pelos céus. A atmosfera é tal que ao olhar para fora para o comprimento e largura da terra – ela recua de meu olhar, e eu pareço estar procurando as costuras do veludo. Assim eu admiro a grandeza de minha carruagem esmeralda – com sua borda em azul – na qual estou a rolar através do espaço (Thoreau, 1981, p. 14).

Do morro concreto de menos de cem metros de altitude, Thoreau, ao dar asas à imaginação, logo se percebe no espaço, planando e observando o planeta Terra desde fora, tal qual um astronauta a rolar através do espaço. Tal visão seria retomada alguns anos mais tarde em "Uma Caminhada a Wachusett", onde se lê que, ao chegar ao topo de uma das montanhas no trajeto àquela, ele e seu companheiro de caminhada, sentindo a si mesmos "fora da Terra", podiam "ver a forma e estrutura do globo" (Thoreau, 2007a, p. 33), sendo que tal sensação de estranhamento é reforçada mais tarde na narrativa, quando, chegados ao topo da montanha principal da cadeia, Wachusett, eles então enxergaram

[...] trechos de floresta aqui e acolá [que] pareciam voar rapidamente como nuvens sobre um céu mais baixo. Pois como para viajantes de uma Polinésia aérea, a Terra [*earth*] se assemelhava a uma ilha maior no éter; de todos os lados, mesmo num lugar baixo como este [Wachusett ficando, como explicitado anteriormente na narrativa, a 579 metros acima da cidade de Princeton e 915 acima do nível do mar], [com] o céu se encerrando [*shutting down*], como uma profundidade inescrutável, ao seu redor [...] começamos a perceber a extensão de nossa visão, e como a terra, em alguma medida, correspondia aos céus em largura, [e] as aldeias brancas às constelações nos céus (Thoreau, 2007a, p. 38-41).

Pode-se dizer que nessa passagem há três exercícios espirituais sobrepostos: o primeiro, mais explícito, sendo o "olhar desde o alto"; o segundo (de forma menos acentuada, mas não menos presente), a "fusão cósmica" (com as formas ou trechos do globo "voando rapidamente", remetendo, assim, a uma sensação de indistinção, logo, de mistura, de fusão entre os corpos dos viajantes e a Terra); o terceiro, a "visão dúplice"

(que será abordada a seguir), com a inversão entre terra e céu (as aldeias no plano correspondendo às estrelas no céu e, assim, causando a inversão desses planos).

A narrativa de viagem intitulada *Ktaadn* mereceria um estudo à parte. Sendo uma das peças literárias mais famosas, mais importantes – e desconcertantes – de Thoreau, ela é a narrativa na qual a montanha (de cerca de 1.600 metros e cujo nome hoje em dia é grafado como *Katahdin*) mais claramente aparece como cerne, virtualmente como personagem central do enredo. Na passagem central – e que gerou um sem número de interpretações e comentários, sendo, provavelmente, uma das passagens mais famosas de todos os escritos de Thoreau –, ele *tenta* mas não *consegue* atingir o ápice da montanha, devido ao tempo ruim que fazia, ou seja, tendo atingido uma cordilheira próxima ao topo, onde ficava a “fábrica de nuvens” e onde ele descreve sentir alguma “parte vital [...] escapar através da grade solta das costelas” (Thoreau, 1972, p. 64), ao iniciar a descida para encontrar os companheiros que haviam ficado no acampamento mais abaixo, o narrador/Thoreau, ao refletir sobre o aspecto das “terras queimadas”, presumivelmente por raios, encontradas por si nessas altitudes, pondera para si mesmo que, após ter “sido apresentado à superfície de alguma estrela”, se encontra subitamente

[...] assustado com meu corpo, esta matéria à qual estou ligado se tornou tão estranha a mim. Não temo espíritos, fantasmas, do qual sou um [*of which I am one*] – isso meu corpo pode, – mas corpos, eu tremo ao encontrá-los. Que Titã é este que se apossou de mim? E falam de mistérios! – Pensa na nossa vida na natureza, – diariamente ser apresentado à matéria, entrar em contato com ela, – rochas, árvores, vento em nossas faces! a Terra [*earth*] sólida! o mundo *real*! o *sentido comum*! *Contato*! *Contato*! *Quem* somos nós? *Onde* estamos nós? (Thoreau, 1972, p. 71).

Em *Ktaadn*, portanto, se não ocorre a *visão* desde o alto, que é o momento de iluminação, de inteligência súbita e plena das coisas, há, em contrapartida, num primeiro momento, a *fusão cósmica*, no que o ar vital escapa pela estrutura do corpo do narrador e se perde em meio às nuvens

e, num momento posterior, um estranhamento, um susto, uma incerteza sentida ontologicamente, no âmago do ser, relativamente ao que se é e onde se está; em *Walden*, Thoreau ilumina um pouco o que está a sugerir aqui ao refletir que “Próximo a [todas as coisas] está aquele poder que molda [seu ser]” (Thoreau, 2021, p. 124, tradução modificada), ou seja, o ápice de *Ktaadn* fala de uma vacilação, quase um desmaio sentido de forma visceral no que ocorre o contato físico, corpóreo do narrador com a materialidade bruta do mundo.

Em *Uma Semana nos Rios Concord e Merrimack*, no episódio descrito no capítulo “Terça-Feira”, encontramos o narrador empoleirado no cimo da torre construída no topo da montanha Saddleback pelos estudantes do Colégio Williamstown, onde, como ele diz,

[...] [c]om o dia a clarear, descobri à minha volta um mar de nevoeiro, que [...] escondia qualquer vestígio da Terra, ficando eu a flutuar neste destroço do mundo, sobre a minha prancha esculpida, no país das nuvens, uma situação que não precisava de imaginação para se tornar magnífica. [...] A meus pés, espalhava-se a perder de vista para todos os lados, numa extensão de uns cento e cinquenta quilômetros, uma região ondulante de nuvens, cuja superfície irregular correspondia ao mundo terrestre que ocultava. Era um país como só encontramos nos sonhos, com todas as delícias do paraíso [...]. Geralmente, os habitantes da Terra só vêm a parte de baixo escura e sombria do pavimento celeste; apenas quando vistas sob um ângulo favorável, de manhã ou ao fim do dia, se revelam algumas faixas tênues do rico revestimento das nuvens. [...] nunca aqui o “Sol celestial” se maculou (Thoreau, 2018, p. 217-218).

A passagem termina com a descrição da “Aurora”, tema que reapareceria em *Walden* em sua conotação ética, ou seja, como metáfora para o despertar espiritual, para a “vida superior” (cf. Thoreau, 2021, 86 *et seq.*). Mas mesmo nas “narrativas planas” aparecem injunções, mandamentos para que o leitor também ascenda às montanhas, precisamente porque tal exercício propicia a elevação, isto é, a espiritualização do olhar. Em *Cores de Outono*, um dos textos mais tardios de Thoreau (a *palestra* datando de 1858), por exemplo, encontramos uma passagem que,

tal como outras anteriores, mostra o quanto os exercícios espirituais em Thoreau se misturam ou se sobrepõem; nesta passagem, ele admoesta seus leitores para que eles,

Se quiserem contar os carvalhos vermelhos, façam-no agora. Num dia límpido, instalem-se no cimo de uma colina arborizada, quando o Sol se está quase a pôr, e [...] lollhando para oeste, as suas cores perdem-se numa explosão de luz, mas noutras direções toda a floresta é um jardim florido [...] Por que não procurar perspectivas mais amplas e elevadas e caminhar nesse grande jardim em vez de nos escondermos num pequeno pedaço "pervertido" dele? Por que não contemplar a beleza da floresta e apenas a de umas simples ervas cativas? [...] Basta levantarmos um pouco os olhos para vermos toda a floresta como um jardim (Thoreau, 2016, p. 150-153).

O exercício do "olhar desde o alto", em suma, permitia a Thoreau, ainda que em imaginação, ter uma visão poética, *cósmica* do globo, logo, do Planeta em sua inteireza, com todos os seus elementos em interação e, mais particularmente, em sua beleza intrínseca, que ele, como bom classicista que era, denominava de *Kosmos*. Tal exercício lhe permitia ou fazer questões como a seguinte: "Qual é a cor do mundo [?!]", sua resposta sendo "Verde misturado com amarelado & avermelhado para os morros & grama madura – & verde mais escuro para as árvores & florestas – azul manchado de escuro & branco para o céu & nuvens – & azul escuro para a água" (Thoreau, 1990, p. 309) ou pensar *imaginativamente* o globo como ente natural e, sobretudo, *maravilhoso*, como uma "Terra viva" (Thoreau, 2021, p. 266), numa antecipação da "tese Gaia", por exemplo.

O exercício da "visão dúplice", da mesma forma, era praticado tendo em vista a espiritualização do olhar a partir de uma inversão espacial entre firmamento e céus, notadamente tendo a mediação da *água* para isso. Em *Uma Semana...*, por exemplo, navegando pelo rio Concord no (capítulo denominado) "domingo", Thoreau descreve a visão dos pássaros refletidos na água como se eles [...] esvoaçassem por entre arvoredo submerso, pousando nos rebentos flexíveis, [com] seu canto límpido parec[endo] provir de baixo. Não saberíamos dizer se era água que flutuava

sobre a terra ou se era a terra que continha a água em seu seio" (Thoreau, 2018, p. 72). Logo adiante, ele elabora a teoria por trás desse exercício, explicitando que tratar-se-ia de "um olhar diferente, uma visão mais abstrata e livre para captar as árvores e o céu refletidos do que para ver apenas o fundo do rio; há uma multiplicidade de coisas que podemos ver em cada objeto, e mesmo o mais opaco tem o céu refletido na sua superfície" (Thoreau, 2018, p. 76).

Sendo um exercício eminentemente visual, dependente de água e na qual esta funcionava como *espelho*, ele aparece algumas vezes em *Walden*, especialmente no capítulo dedicado aos lagos, com aquele que dá título ao livro, particularmente, sendo descrito como um "espelho perfeito da floresta". Sendo um "campo de água" intermediário entre a terra e o céu, as incursões de barco da parte de Thoreau nele lhe causavam por vezes a impressão de estar "a flutuar pelo ar como se estivesse em um balão", os peixes, conseqüentemente, parecendo estar "em um tipo de voo ou uma flutuação, como se fossem uma revoada compacta de pássaros passando bem abaixo de mim à esquerda ou à direita" (Thoreau, 2021, p. 169-170). Tal qual outros exercícios espirituais em Thoreau, este tem como premissa a ideia de que a "realidade é fabulosa" (Thoreau, 2021, p. 91), o que implica dizer que, se apenas estivermos atentos para o *maravilhoso* no mundo concreto, cotidiano e, em especial, natural, ele aparecerá diante de nós, *nesta* vida. Trata-se, em suma, de uma forma de confirmação de que "os céus [são] *da* terra" (Thoreau, 2009, 173, grifo nosso).

Outro exercício espiritual de origem antiga, muito importante para ambas escolas estoica e epicurista, e retomado por Thoreau de maneira explícita, era a ascese ou a limitação dos desejos tal qual fundada na distinção entre o *supérfluo* e o *necessário* para viver (cf. Hadot, 1995, p. 183-184; Sellars, 2020, p. 23-30). Em Thoreau, se, por um lado, esse exercício não aparece de maneira recorrente, por outro lado, ele é dos mais importantes, por ser *estrutural* mesmo, o que significa que, mesmo não sendo dos mais visíveis, ele

merece destaque porque acaba sendo um dos mecanismos mais importantes na arte de viver tal qual praticada por esse filósofo.

Em *Walden*, esse exercício aparece logo no primeiro capítulo, quando Thoreau se põe a investigar qual é o mínimo necessário para se viver bem (cf. Thoreau, 2021, 26 *et seq.*). Chegando à conclusão de que o mínimo necessário se encaixa sob as rubricas da *alimentação*, *abrigo*, *vestimentas* e, no caso de alguém a viver em climas mais temperados ou frios, *combustível* para aquecimento, ele então argumenta que todo o restante deve ser compreendido como *luxo*, como itens supérfluos, logo, desnecessários. Mas, mais do que separar o que é necessário do que é supérfluo para o bem viver, o cerne da argumentação empreendida nesse capítulo visa explicitar os efeitos mais sutis dos desejos na mente humana, no sentido de que, se não houver um trabalho mental da parte das pessoas, os desejos acabam determinando suas ações e, mais geralmente, suas vidas, instaurando, assim, não a *autarkia*, isto é, a *autossuficiência* visada pelos filósofos antigos, mas a *heteronomia*, isto é, um estado de *dependência* relativamente às coisas materiais. Pregando, assim, a "pobreza voluntária" (Thoreau, 2021, p. 28), Thoreau pretende mostrar o caminho para uma vida mais básica ou austera e, por isso mesmo, mais feliz ou mais bem aproveitada, porque baseada na natureza, centrada no presente e, como tal, livre de preocupações quanto ao futuro, logo, livre de *angústia*. Lido assim, o primeiro capítulo de *Walden* – que corresponde, em boa medida, à palestra originalmente produzida e apresentada após a vivência de dois anos, dois meses e dois dias às margens do famoso lago – se revela um tratado epicurista produzido em pleno século XIX estadunidense, tanto por oferecer um diagnóstico da "angústia incessante e tensão de algumas pessoas [como] uma forma praticamente incurável de doença" (Thoreau, 1957, p. 110) – a "tempestade da mente" aludida por Epicuro (*apud* Diogenes Laertius, 2018, p. 535) em carta – quanto por for-

mular como terapia ou cura o atingimento ideal de um estado mental ou anímico de *tranquilidade*, que se instaura quando "ficalmos contentes com menos" (Thoreau, 2021, p. 45).

A ênfase no regime alimentar, no cuidado do corpo, também deve ser entendida como um importante exercício espiritual em Thoreau. *Walden*, notadamente, pode ser considerado como uma das mais famosas justificações filosóficas do vegetarianismo (ou, mais exatamente, do "flexitarismo", Thoreau não tendo sido um vegetariano em sentido estrito) em toda a história da filosofia ocidental (cf. Dolan, 2017). Na obra, são elaborados seus motivos para manter uma dieta *baixa* (em termos do consumo de calorias), *dura* (no sentido de espartana)<sup>11</sup> e *limpa* (o uso de carne animal sendo ligado por si à noção de impureza), no que ele insere, ademais, essa questão em uma perspectiva mais ampla, de perfectibilidade da raça humana, logo, como fazendo parte de seu destino, "em seu aperfeiçoamento gradual, deixar de comer animais, assim como as tribos selvagens deixaram de comer umas às outras quando entraram em contato com outras mais civilizadas" (Thoreau, 2021, p. 192). Em suma, por respeito aos animais – nossos "vizinhos brutos", como diz o título do capítulo seguinte ao capítulo dedicado à questão da dieta – e a si mesmo – como forma de "preservar [as] faculdades superiores ou poéticas nas melhores condições" (Thoreau, 2021, p. 191) –, Thoreau praticava e, assim, dava o exemplo para uma forma de alimentação "em que o apetite não te[em] parte" (Thoreau, 2021, p. 193), logo, como uma forma de *exercício espiritual*.

Um dos exercícios espirituais mais idiossincráticos de Thoreau diz respeito aos "êxtases auditivos na natureza", ou, mais exatamente, a um deles, já que havia outros tipos de êxtase auditivo experimentados com certa frequência na natureza por si (como sons, mais geralmente; cf. Hodder, 2001, 75 *et seq.*); trata-se, em suma, da "harpa telegráfica", cuja história/ideia central é a seguinte: em finais de agosto de 1851, foi instalada uma linha telegráfica entre Boston e Burlington

<sup>11</sup> "[...] a única cura [...] é uma economia rígida, uma simplicidade [séria e mais do que] espartana e elevação de propósito" (Thoreau, 2021, p. 89, tradução modificada).

(passando, logo, por Concord), e sob a qual ele, em suas caminhadas, ao ouvir os sons emitidos pela vibração elétrica dos cabos, se comprazia em ouvir uma *harpa*, com a “música” produzida por ela remetendo ao som “que tremula ao redor do mundo” (Thoreau, 2021, p. 194). Aos ouvidos de Thoreau, pois, tratava-se de mensagens ou intimações de “uma vida gloriosa distante[,] uma vida celestial” (Thoreau, 1992, p. 35). Sempre, pois, que passava sob tais cabos, ele se punha a ouvir a vibração emitida por aqueles com atenção, poeticamente imaginando que “um espírito move a corda da harpa telegráfica” (Thoreau, 1992, p. 238), a qual conseguiria fazer com que um “homem derret[esse] ao som de música [da harpa]” (Thoreau, 2000, p. 62). Em suma, por ser um exercício espiritual eminentemente *tecnológico*, a “harpa telegráfica” combina aspectos aparentemente antitéticos – espiritualidade e tecnologia (ou “modernidade”) –, remetendo, assim, a uma questão mais ampla ou mais profunda no âmago da visão de mundo de Thoreau, aquela acerca das relações entre *tecnologia* (ou mesmo *capitalismo*) e *natureza* em sua teoria (reputada como “natural”). Como se sabe, *Walden* traz em determinado trecho de sua argumentação uma passagem na qual é feita uma articulação teórica do, parafraseando Baudelaire, “heroísmo da vida moderna”, qual seja, um elogio da tecnologia e do comércio (cf. Thoreau, 2021, p. 112 *et seq.*) e que, em suas linhas gerais, se aproxima de passagens do *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels, quando estes abordam as transformações ocasionadas pela ascensão da burguesia como *poder* no mundo moderno. Não cabendo aqui entrar neste assunto, cabe apenas pontuar que a “harpa telegráfica” se revela como uma das “viagens” mais curiosas e cômicas da parte de um pensador que muitas vezes passa a imagem (ou impressão) de ser (mais) sério.

A rememoração dos momentos felizes também é importante em Thoreau. Seus únicos dois livros publicados em vida, *Uma Semana nos Rios Concord e Merrimack* e *Walden* são essencialmente recuperações e, como tais, reelaborações literárias de experiências ocorridas anteriormente em

sua vida, o primeiro da viagem de duas semanas pelos rios do título feita em 1839 com o irmão John, falecido em 1842 (o que significa que se trata de uma homenagem a esse irmão), e o segundo dos dois anos, dois meses e dois dias vividos na mata, às margens do lago; mesmo seus diários podem ser interpretados sob este aspecto, sendo uma espécie de “memória material”, na feliz expressão de Peck (1990, p. 45), de suas experiências cotidianas. Em suma, a “arte da memória” também merece ser considerada como um exercício espiritual central em Thoreau, com este “deve[ndo] ser pensado como um grande memorador”, como diz o mesmo estudioso (Peck, 1990, p. 45, 12).

Outro exercício antigo retomado por Thoreau é o exercício estoico da contemplação da dissolução das coisas. Vejamos primeiramente a formulação “original” em Marco Aurélio, caracterizada por ocorrer em um modo “teórico/ autoexortativo”, para depois ver como Thoreau o replicava à sua maneira.

Adquire um método que te permita examinar todas as coisas se transformando umas nas outras; aplica-te de imediato a esta investigação porque nada pode elevar tanto o ânimo. Quem o faz, é como se tivesse despojado do [próprio] corpo, refletindo que logo deverá abandonar todas as coisas terrenas, partindo dos homens [...]. Leva em consideração toda coisa existente e pensa que já está próxima de se dissolver e transformar [*dialuómenon kai èn metabolé*], como em um estado de dispersão e decomposição, ou de que modo faz parte de sua natureza ter nascido, em certo sentido, para morrer (Marco Aurélio, 1989, p. 229, 233).

Em Thoreau, tal exercício ganhou sua formulação na famosa passagem conhecida como a do “corte profundo no banco de areia” (cf. Thoreau, 2021, p. 262 *et seq.*, 2007b, p. 1047). Ele comenta que, no início da primavera, ao passar por um declive, isto é, por um banco de areia aberto para a instalação dos trilhos do trem, nos arredores do lago Walden – ou seja, trata-se essencialmente de uma espécie de “ferida” aberta na terra pelos engenheiros ou, se se quiser, pela “tecnologia”, para a instalação da ferrovia –, ele percebe, maravilhado, as formas e “cores ricas” que a areia e argila tomavam ao descer, misturadas

ou, mais exatamente, se misturando à água até então represada no interior do banco de areia. Deixando-se levar pelo *devaneio*, ele então, num primeiro momento, compara esse processo com o descer de *lava*, para num segundo vislumbrar

Inumeráveis pequenos riachos [que] se sobrepõem e entrelaçam, exibindo um tipo de produto híbrido, que obedece metade à lei das correntes [marítimas], metade à da vegetação. Conforme ela flui, toma forma de folhas suculentas ou trepadeiras, fazendo montes de [espumas polpudas] com trinta centímetros ou mais de profundidade; e parecendo, quando os olha [para baixo], os talos laciniados, lobulados e imbricados de alguns líquenes; ou você se lembra de coral, patas de leopardos [ou] pés de pássaros, de cérebro, pulmões ou intestinos e excrementos de todo tipo (Thoreau, 2021, p. 263, tradução modificada).

Ao olhar atentivamente, contemplativamente para o banco de areia na primavera, em meio ao degelo, portanto, Thoreau enxerga as coisas não fisicamente apenas, mas *cosmicamente*, logo, em processo, devir ou transformação, considerando-as, tal qual em Marco Aurélio (1989), "em um estado de dispersão e decomposição", com a diferença que há aqui sua contrapartida "dialética", que é a *vida*. Nesse exercício espiritual, mesmo os menores elementos naturais se revelam como afirmadores de vida, à medida que estão em processo de se fundir, de se decompor, apenas para gerar novas formas de vida.

Por fim, há ainda o exercício espiritual da *leitura*, "exercício nobre que exigirá do leitor [...] um treinamento como o seguido por atletas, a intenção constante de quase uma vida inteira a seu objetivo" (Thoreau, 2021, p. 97), qual seja, tornar-se sábio.

#### 4 Conclusão

O fato de esses exercícios serem praticados cotidianamente comprova que se tratava não de um *escritor*, mas de um *filósofo*, logo, de alguém interessado em viver uma vida filosófica, isto é, uma vida refletida, espiritualizada, alinhada e aberta aos influxos do cosmo e, como tal, muito devedora de escolas de filosofia grega antiga. Cai por terra, assim, a interpretação de muitos dos intérpretes "literários" de sua obra, como M.

Granger, para o qual a existência de "interpretações parciais, extraliterárias" (leia-se "filosóficas") perdem de vista "que o acesso ao modelo de vida [proposto em *Walden*] se dá através de um texto longamente elaborado, cuja qualidade poética garante a multiplicidade de sentidos possíveis [de leitura]"; mais especificamente, tal crítico entende que tratar-se-ia, sobretudo, de – estas são todas palavras suas – um "gesto" (teatral) da parte de Thoreau aparecer (retoricamente) como "sábio" ou "filósofo", ou seja, Thoreau adotaria o "personagem do sábio", com sua "arte de viver *à la philosophe*" surgindo como o "produto da exposição que dá *a posteriori* seu sentido à construção ideal" (Granger, 2019, p. 57, 70-71). Em nossa leitura, Thoreau, assim como Kierkegaard, Nietzsche, Camus e Cioran, foi um dos últimos *filósofos* ainda ligados ao paradigma de filosofia antiga, logo, alguém que praticava cotidianamente um razoável número de *exercícios espirituais* que revelam o quanto ele era interessado em cuidar de si mesmo, de seu *self*, de sua alma; isto, com vistas a alcançar uma visão mais espiritualizada das coisas ou, em uma palavra, *sabedoria*. Por isso mesmo, à medida que sua obra é a articulação escrita desses mesmos exercícios espirituais, ela se coloca como uma fonte inestimável para todos aqueles filósofos interessados em praticar a filosofia de maneira mais concreta, mais prática e, sobretudo, mais viva.

#### Bibliografia

ANDERSON, D. An Emerson Gone Mad: Thoreau's American Cynicism. In: FURTAK, R. A. et. al. (orgs.). *Thoreau's Importance for Philosophy*. Nova Iorque: Fordham University Press, 2012. p. 185-200.

BUELL, L. *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing and the Formation of American Culture*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1995.

CAFARO, P. *Thoreau's Living Ethics: Walden and the Pursuit of Virtue*. Londres: The University of Georgia Press, 2006.

DIOGENES LAERTIUS. *Lives of the Eminent Philosophers*. Edição de J. Miller. Tradução de P. Mensch. Oxford: Oxford University Press, 2018.

DOLAN, K. Diet and Vegetarianism. In: FINLEY, J. S. (ed.). *Henry David Thoreau in Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 216-224.

- FOUCAULT, M. *Histoire de la Sexualité III: Le souci de soi*. Paris: Gallimard, 1984.
- FURTAK, R. A. Locating Thoreau, Reorienting Philosophy. In: FURTAK, R. A. et al. (org.). *Thoreau's Importance for Philosophy*. Nova Iorque: Fordham University Press, 2012. p. 1-13.
- GRANGER, M. *Henry D. Thoreau Mr. Walden*. Éditions Le mot et le rest, 2019.
- HADOT, P. "Il y a de nos jours des professeurs de philosophie, mais pas de philosophes...". In: HADOT, P. *Exercices spirituels et philosophie antique*. Paris: Éditions Albin Michel, 2002. p. 333-342.
- HADOT, P. *La Philosophie comme Manière de Vivre: entretiens avec J. Carlier et A. I. Davidson*. Paris: Albin Michel, 2001.
- HADOT, P. Les Premiers Philosophes. In: HADOT, P. *La Philosophie comme Éducation des Adultes: textes, perspectives, entretiens*. Paris: Vrin, 2019. p. 53-56.
- HADOT, P. *N'oublie Pas de Vivre: Goethe et la tradition des exercices spirituels*. Paris: Albin Michel, 2008.
- HADOT, P. *Qu'est-ce que la Philosophie Antique?* Paris: Gallimard, 1995.
- HODDER, Alan. *Thoreau's Ecstatic Witness*. New Haven: Yale University Press, 2001.
- LAUXEN, P. A "atitude" filosófica de *Walden*, de Thoreau. *A Palo Seco – Escritos em Filosofia e Literatura*, São Cristóvão (SE), ano 12, n. 13, p. 10-24, 2020.
- MARCO AURÉLIO. *Pensieri*. Tradução de M. Ceva. Milão: Arnaldo Mondadori, 1989.
- MCGREGOR, R. K. *A Wider View of the Universe: Henry Thoreau's study of nature*. Urbana e Chicago: Illinois University Press, 1997.
- ONFRAY, M. *Vivre une vie philosophique – Thoreau le sauvage*. Paris: Le Passeur Éditeur, 2017.
- PECK, H. D. *Thoreau's Morning Work: memory and perception in A Week on the Concord and Merrimack rivers, the Journal, and Walden*. New Haven: Yale University Press, 1990.
- PORTE, J. Society and Solitude. In: PORTE, J. *Consciousness and Culture: Emerson & Thoreau reviewed*. New Haven: Yale University Press, 2004. p. 148-149.
- ROSSI, William. Thoreau as a Philosophical Naturalist-Writer. In: SCHOFIELD, E. A.; BARON, R. C. (org.). *Thoreau's World and Ours: a natural legacy*. Golden, CO: North American Press, 1993. p. 64-73.
- SELLARS, J. *The Fourfold Remedy: Epicurus and the art of happiness*. London: Allen Lane, 2020.
- TESTA, F.; FAUSTINO, M. (org.). *Filosofia como Modo de Vida: ensaios escolhidos*. Coimbra: 70, 2022.
- THOREAU, H. D. A Walk to Wachusett. In: THOREAU, H. D. *Excursions*. Ed. J. Moldenhauer. Princeton: Princeton University Press, 2007a. p. 29-46.
- THOREAU, H. D. *Caminhando*. Tradução de R. Muggiati. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- THOREAU, H. D. Cores de Outono. In: THOREAU, H. D. *Maçãs Silvestres & Cores de Outono*. Tradução de L. Leitão. Lisboa: Antígona, 2016. p. 81-160.
- THOREAU, H. D. *Journal 1: 1837-1844*. Edição de J. C. Broderick et al. Princeton: Princeton University Press, 1981.
- THOREAU, H. D. *Journal 3: 1848-1851*. Edição de R. Sattelmeyer et al. Princeton: Princeton University Press, 1990.
- THOREAU, H. D. *Journal 4: 1851-1852*. Edição de L. Neufeldt e N. Simmons. Princeton: Princeton University Press, 1992.
- THOREAU, H. D. *Journal 5: 1852-1853*. Edição de P. O'Connell. Princeton: Princeton University Press, 1997.
- THOREAU, H. D. *Journal 6: 1853*. Edição de W. Rossi e H. Thomas. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- THOREAU, H. D. *Journal 7: 1853-1854*. Edição de N. Simmons e R. Thomas. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- THOREAU, H. D. Ktaadn. In: THOREAU, H. D. *The Maine Woods*. Edição de J. Moldenhauer. Princeton: Princeton University Press, 1972. p. 3-83.
- THOREAU, H. D. The First Version of Walden. In: PAUL, S. *The Making of Walden*. Chicago: The University of Chicago Press, 1957. p. 104-208.
- THOREAU, H. D. *The Thaw*. In: THOREAU, H. D. *Walden. The Maine Woods. Collected Essays and Poems*. New York: Library of America, 2007b. p. 1047.
- THOREAU, H. D. *Uma Semana nos Rios Concord e Merrimack*. Tradução de L. Leitão. Lisboa: Antígona, 2018.
- THOREAU, H. D. *Walden ou a vida nos bosques*. Tradução de M. Della Valle. São Paulo: Planeta, 2021.
- THOREAU, H. D. *Walden*. Edição de L. Shanley. Princeton: Princeton University Press, 1971.
- WALLS, Laura D. *Thoreau: a life*. Chicago: Chicago University Press, 2018.

---

### Gabriel Guedes Rossatti

Doutor em Ciências Humanas pela UFSC.

---

### Endereço para correspondência

#### GABRIEL GUEDES ROSSATTI

Rua Mario Narciso Stocco 67, Jd. Palermo, 09780-430  
São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*